

**PIEIDADE E DOCTRINA**  
(palestra para seminaristas, 14/12/2006)

***A graça e a verdade***

1. No prólogo do seu Evangelho, São João anuncia o mistério da Encarnação: *O Verbo de fez carne e habitou entre nós* (Jô 1, 14). O Verbo é apresentado como **Vida e Luz**, portador de Vida e de Luz (v. 4). É a *Luz verdadeira* (v. 9), é a *Vida verdadeira*, a vida dos que são “nascidos de Deus” (gerados por Deus), e que nos dá o poder de nos tornarmos filhos de Deus (vv. 12-13).

2. No final do prólogo, São João diz que *da sua plenitude [divina] todos nós recebemos...*, e acrescenta: *Pois a lei foi dada por meio de Moisés, a **graça e a verdade** vieram por Jesus Cristo* (v. 17).

3. Vivemos como filhos de Deus, na medida em que a **nova Vida**, a da graça do Espírito Santo (cfr. Nicodemos e o novo nascimento: *Jo 3, 5*) estiver em nós; e em que a **Verdade** for *conhecida e recebida* por nós (vv. 5.10.11).

***A luz da Verdade***

– *Jo 8, 12: Eu sou a luz do mundo. Quem me segue não caminha nas trevas, mas terá a luz de vida* (Jo 8, 12).

– *Jo 9, 39: Eu vim a este mundo para um julgamento, a fim de que os que não vêem, vejam; e os que vêem [os que julgam ver] se tornem cegos.*

A Luz da Verdade veio, mas agora, como quando São João escrevia, essa *luz verdadeira, que vindo ao mundo a todos ilumina*, não é *reconhecida*, não é *acolhida* (Jo 1, 9-10). É bem atual o que Cristo dizia, citando Isaías: *O coração deste povo se endureceu e eles ouviram com o ouvido indisposto. Fecharam seus olhos, para não verem com os olhos, para não ouvirem com os ouvidos nem entenderem com o coração, nem se converterem para que eu os pudesse curar* (Mat 13, 15).

Todos constatamos isso, e entendemos – porque o vemos – a explicação que Jesus dava: *A luz veio ao mundo, mas as pessoas amaram mais as trevas do que a luz, porque as suas obras eram más, Pois todo o que pratica o mal odeia a luz e não se aproxima da luz, para que suas ações não sejam denunciadas* (Jo 3, 19-20).

Neste ponto, vem a calhar o que o Card. Ratzinger dizia na homilia da Missa inicial do Conclave:

E em que é que consiste ser crianças na fé? Responde São Paulo: *significa ser batidos pelas ondas e levados ao sabor de qualquer vento de doutrina...* (Ef 4, 14). Uma descrição muito atual! Quantos ventos de doutrina conhecemos nestes últimos decênios, quantas correntes ideológicas, quantos modos de pensamento... A pequena barca do pensamento de muitos cristãos foi não raro agitada por estas ondas – lançada dum extremo ao outro: do marxismo ao liberalismo, até ao ponto de chegar à libertinagem; do coletivismo ao individualismo radical; do ateísmo a um vago misticismo religioso; do agnosticismo ao sincretismo e por aí adiante.

Todos os dias nascem novas seitas e cumpre-se assim o que São Paulo disse sobre o engano dos homens, sobre a astúcia que tende a induzir ao erro (cf. Ef 4, 14). Ter uma fé clara, segundo o Credo da Igreja, é freqüentemente catalogado como fundamentalismo, ao passo que o relativismo, isto é, o deixar-se levar *ao sabor de qualquer vento de doutrina*, aparece como a única atitude à altura dos tempos atuais. Vai-se constituindo uma ditadura do relativismo que não reconhece nada como definitivo e que usa como critério último apenas o próprio “eu” e os seus apetites.

Nós, pelo contrário, temos um outro critério: o Filho de Deus, o verdadeiro homem. É Ele a medida do verdadeiro humanismo. Não é “adulta” uma fé que segue as ondas da moda e a última novidade; adulta e madura é antes uma fé profundamente enraizada na amizade com Cristo. É essa amizade que se abre a tudo aquilo que é bom e que nos dá o critério para discernir entre o que é verdadeiro e o que é falso, entre engano e verdade.

Aí temos uma idéia clara e importante: só tem critério para discernir a verdade quem tem uma fé profundamente enraizada na amizade com Cristo: ou seja, numa intensa vida de Amor, de piedade.

Em Cristo – dizia ainda o Card. Ratzinger – , verdade e caridade coincidem. Na medida em que nos aproximamos de Cristo, assim também na nossa vida, verdade e caridade se fundem. A caridade sem a verdade seria cega; a verdade sem a caridade seria como um címbalo que tine (1 Cor 13, 1).

Este é o ponto que desejava frisar nesta palestra: **a absoluta necessidade de que apiedade (expressão do amor) e a doutrina estejam unidas, fundidas.**

### ***Perigos da piedade sem doutrina***

A piedade sem doutrina, acaba sendo oca e traiçoeira. Prevalectem os sentimentos, a vida cristã facilmente fica reduzida, quase que exclusivamente, a sentimentalismo e a bondosidade. As emoções encobrem os vazios interiores, vazios de falta de verdadeiro amor e de verdadeiras virtudes; e podemos achar também que as emoções bastam para compensar e encobrir os nossos erros e pecados.

**É muito expressivo e claro o que diz Jesus em Mt 7, 21-23:** *Nem todo aquele que me diz: Senhor, Senhor, entrará no Reino dos céus, mas sim aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus [...] não pregamos? Não expulsamos demônios e fizemos muito milagres? E, no entanto, eu lhes direi: nunca vos conheci. Retirai-vos de mim, operários maus.*

O próprio Evangelho nos mostra exemplos de “amor”, “carinho” sem uma fé firme e clara, sem a Verdade, assimilada e vivida. Pedro, cheio de carinho por Jesus e de bons sentimentos, mostra horror à Cruz que o Senhor anuncia, e Jesus lhe diz: *Vai para trás, satanás! Tu estás sendo para mim uma pedra de tropeço, pois teus pensamentos não são de Deus, mas dos homens (Mat 16, 23).*

Também os dois discípulos de Emaús, cheios de sentimentos de carinho, de tristeza pela morte de Cristo, mas carentes de visão sobrenatural sobre o mistério da Paixão e

Morte, ouvem Jesus dizer-lhes: *Ó homens sem inteligência! Como sois tardos de coração para crerdes em tudo o que anunciaram os profetas!* (Lc 24, 25).

Quem está fechado à verdade, por falta de verdadeira fé, de doutrina, acaba sendo daqueles *cegos que guiam outros cegos* (cf Lc 6, 39). “Cegos” que têm mais “compaixão” que “caridade”; mais “concessões” que “ajudas” às almas para que se santifiquem; que medem mais o fruto pastoral pelo movimento externo, os entusiasmos coletivos, a explosão das emoções..., do que pela primeira “prioridade pastoral” de que falava João Paulo II: a santidade. Na *Novo millennio ineunte*, escrevia: “Em primeiro lugar, não hesito em dizer que o horizonte para que deve tender todo o caminho pastoral é a *santidade* [...]; apontar a santidade permanece, da forma mais evidente, uma urgência pastoral” (n. 30).

### ***Doutrina sem piedade***

A fusão de piedade e doutrina é expressada admiravelmente por São Paulo na Carta aos Efésios: *...que sejais poderosamente robustecidos pelo seu Espírito em vista do crescimento do vosso homem interior. Que Cristo habite **pela fé** em vossos corações, arraigados e consolidados na caridade [...], a fim de que possais compreender, com todos os santos [...] o amor de Cristo, que desafia todo o conhecimento, e sejais cheios de toda a plenitude de Deus* (Ef 3, 16-19).

A doutrina, sem a piedade (sem o trato amoroso com Deus, baseado numa fé esclarecida), fica sendo apenas teoria e, insensivelmente, a doutrina cristã é tratada como são tratadas as ciências humanas, as letras humanas. Sem a luz e o calor do Espírito Santo, sem “o êxtase do amor” por Deus e pelas coisas de Deus, a doutrina descamba para **teorias, opiniões**, e – o que é pior – para **ideologias** (imanentismo kantiano, existencialismo, marxismo, etc.).

Vale a pena citar de novo a homilia de Ratzinger no início do Conclave:

... o relativismo, isto é, o deixar-se levar *ao sabor de qualquer vento de doutrina*, aparece como a única atitude à altura dos tempos atuais. Vai-se constituindo uma ditadura do relativismo que não reconhece nada como definitivo e que usa como critério último apenas o próprio “eu” e os seus apetites.

[...] Devemos amadurecer essa fé adulta [fruto das amizade com Cristo]. Para essa fé devemos guiar o rebanho de Cristo. E é esta fé – e somente a fé – que cria unidade e se realiza na caridade. Em contraste com as contínuas peripécias daqueles que são como crianças batidas pelas ondas, São Paulo oferece-nos a este propósito uma bela palavra: praticar a verdade na caridade, como fórmula fundamental da existência cristã. Em Cristo, verdade e caridade coincidem. Na medida em que nos aproximamos de Cristo, assim também na nossa vida, verdade e caridade se fundem. A caridade sem a verdade seria cega; a verdade sem a caridade seria como um címbalo que tine (1 Cor 13, 1).

O Papa Bento XVI, já antes de sua eleição, como teólogo e Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, expressou com frequência a sua preocupação sobre essa crise de doutrina entre os católicos. Vale a pena citar alguns trechos dos seus escritos:

Fala, p.e. do “resultado catastrófico da catequese moderna [...]. Sem querer condenar ninguém, é evidente que hoje a ignorância religiosa é tremenda, é só conversar com as novas gerações [...]. No pós-Concílio, não se conseguiu evidentemente, transmitir corretamente os conteúdos da fé cristã” (entrevista a *Avvenire*, 27/04/2003). “Precisamos nos conscientizar de que não mais conhecemos o Cristianismo” (*O sal da terra*, p. 19).

E, por isso, apregoava a necessidade da coragem para anunciar, expor e defender a boa doutrina: “Talvez os homens possam vir a perceber que, contra a ideologia da banalidade que domina o mundo, é necessária uma oposição [a coragem de opor-se]; e que a Igreja poderá ser *moderna* justamente sendo *antimoderna*, isto é, opondo-se ao que *todos dizem*. Cabe à Igreja o papel de oposição profética, e ela precisa ter a coragem de assumir esse papel” (*O sal da terra*, p. 272).. “Está na hora – já tinha dito anteriormente – de reencontrarmos a coragem do anticonformismo, a capacidade de opor-se, de denunciarmos muitas das tendências da cultura que nos cerca, renunciando àquela espécie de solidariedade eufórica pós-conciliar...e às interpretações excessivamente positivas de um mundo agnóstico e ateu” (*Relatório sobre a fé*, pp. 116-117).

### ***Só os santos enxergam bem***

Na realidade, só os santos tem os dons do Espírito Santo que lhes permitem captar e saborear, em seu verdadeiro sentido, as verdades de Deus, os verdadeiros valores das coisas, do mundo, etc.

É expressivo um episódio da vida de São Josemaria Escrivá, narrado por uma testemunha, o Card. Herranz. Na época don Concílio, muitos bispos e teólogos visitavam Mons. Escrivá. Como se sabe, era época de incertezas, de fermentação de novas idéias, e de bastante confusão teológica. Mons. **Carlo Colombo**, consultor teológico e amigo pessoal de Paulo VI, visitou Mons. Escrivá, e conversaram sobre a vocação dos leigos, a santidade, o apostolado no mundo. Na despedida, Mons. Colombo disse ao Pe. Herranz, que o acompanhava até à porta: ‘Que diferença entre um teólogo e um santo!’ (J. Herranz, *Nei dintorni di Gerico*, Ed. Ares, Milão 2005, p. 93).

“Há um saber – dizia São Josemaria – ao qual só se chega com santidade. E há almas obscuras, ignoradas, profundamente humildes, sacrificadas, santas, com um sentido sobrenatural maravilhoso [ cfr. Mat 9, 25]... [...] É um sentido sobrenatural que não raramente falta nas disquisições arrogantes de pretensos sábios [cfr. Rm 1, 21-22].”

“A linguagem do amor [que é a de Cristo, a do Espírito Santo...] – dizia São Bernardo – é *estrangeira* (incompreensível) para aquele que não ama” (*In Canticum Canticorum*, *semão 69*).

Portanto, é necessário estudo, sim, especialmente o conhecimento da autêntica doutrina da fé, do Magistério. Mas é imprescindível a meditação, a oração, a intimidade com Cristo na Eucaristia e a luta ascética por ser santo, com uma contínua purificação. Só assim “veremos” a *lux vera*, a Luz verdadeira. É o que expressa o n. 212 de *Caminho*: “Esse Cristo que tu vês não é Jesus. – Será, quando muito, a triste imagem que podem formar teus olhos turvos... – Purifica-te. Clarifica o teu olhar com a humildade e a penitência. Depois... não te hão de faltar as luzes límpidas do Amor. E terás uma visão perfeita. A tua imagem será realmente a sua: Ele!”

Essa “visão certa”, em que doutrina e piedade se fundem, é um apoio para a vida pessoal dos cristãos (leigos ou sacerdotes ou religiosos), e para a sua perseverança, infinidamente mais sólido que todas as emoções, vibrações e lágrimas de uma simples piedade “do coração”, pessoal ou comunitária.

Vamos revisar a nossa vida, o nosso estudo, a nossa piedade, e tirar propósitos bem concretos.